

MULHERES NA LITERATURA DE MACHADO

José Costa Matos

Joaquim Maria Machado de Assis. Por que é também conhecido por Bruxo do Cosme Velho? Naturalmente, nem todo morador do Cosme Velho merece ser chamado de Bruxo...

E agora, a Academia Cearense de Letras, na programação deste Ciclo de Conferências, inclui um estudo sobre mulheres na literatura de Machado de Assis. A indeterminação da palavra mulheres, aqui, revela o impossível de uma abrangência mais ambiciosa da abordagem, quando se sabe que há uma bibliografia inteira só para estudar o enigma literário chamado Capitu.

Sobre esse companheiro de Lúcio de Mendonça e Joaquim Nabuco na fundação da Academia Brasileira de Letras, já escreveram tanto, já falaram tanto... Apareceu até quem refizesse a misoginia de Machado de Assis. De onde tiraram essa aversão do escritor às mulheres? Talvez das quatro páginas que ele compôs sob o título *Queda que as mulheres têm para os tolos*.

Sim, aí ele confessa: “Contento-me em repetir o que se disse antes de mim”. Mas Machado não para na repetição. Endossa mesmo a tese do pequeno ensaio. Argumenta. As mulheres teriam uma queda para os tolos. Eles seriam mais facilmente domináveis com recursos intelectuais menores... E com a simples repetição de juízos alheios, Machado de Assis – logo quem! – perderia a vez de aprofundar uma sondagem no mistério humano. E que ficcionista não é um pesquisador dos labirintos do comportamento de todos nós? Não houve uma desrazão em Humberto de Campos quando classificou Machado como “Miniaturista das covardias humanas”.

Ora, seria farta a colheita de nome de mulher nos escritos machadianos: Augusta, Guiomar, Francisca... afora interpelações a amadas que ficam sem mais, além de inspiradoras de versos quentes. E quantas...

Da leitura de Machado de Assis, e sem maledicência, é possível garantir que ele tinha as suas fixações em certos pontos da anatomia

feminina. Braços, ombros, por exemplo. Até o leitor medianamente atento se delicia com o gosto do escritor em repetir os termos braços, ombros, quando realçam graças de mulheres...

No romance *Quincas Borba*, o personagem Rubião fala de seu deslumbramento por Sofia: “O que eu mais gosto dela são os ombros, que vi no baile do coronel. Que ombros! Parecem cera; tão lisos, tão brancos!” Mas Sofia merece estudo mais amplo, mais aprofundado.

Uns Braços é título de conto. Nele, uma das fixações machadianas se apodera das paixões de um rapazinho de quinze anos. E abre um estudo de mulher, no velado conflito feminino entre adotar a febre de seduzir ou sustentar o auto-respeito da tradição. No conto *Uns Braços*, e por desejo do pai distante, o adolescente Inácio tem hospedagem de aprendizado na casa do solicitador Borges, que vive maritalmente com Dona Severina. Inácio recebe descomposturas de Borges pelo seu desmazelo. Erra tudo, no trato com cartórios e oficiais de justiça e no encaminhamento de papéis. “Nunca ele pôs os olhos nos braços de Dona Severina que não se esquecesse de si e de tudo”.

Por seu lado, Severina se perturba com a paixão do rapaz. E revive o dilema do poema de Cecília Meireles *Ou Isto ou Aquilo*.

“Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranqüilo.
Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo”.

Certo dia, encontra Inácio dormindo. Ou fingindo que dormia. Ela se desmanda, e “inclinando-se, ainda mais, muito mais, abrochou os lábios e deixou-lhe um beijo na boca”.

E se espraia no conto o poderio dramático de Machado para narrar o atendimento de Severina: culpa e ternura. Condena-se por ter chegado àquele extremo vergonhoso. Medo de que as coisas, as paredes, as portas revelem o seu beijo pesado de remorsos. Sente-se também meia mãe, meia irmã daquela criança enamorada. Passa a andar com um xale a lhe cobrir os braços...

Daí, o solicitado Borges devolve Inácio ao pai. Porque era tempo e não por demonstrar saber do segredo da companheira.

Anos depois, a vida de Inácio vai para outros amores, “mais efetivos e longos, mas nenhuma sensação achou nunca igual à daquele domingo, na Rua da Lapa. E ele mesmo exclama às vezes, sem saber que se engana: - E foi um sonho: Um simples sonho!”

E tudo por uns braços...

Sabem todos: comunicação verbal é aquele que utiliza a palavra, em latim VERBUM. A palavra verbo tem duas dimensões significativas. Não são sinônimos, apenas uma está contida na outra. Aqui, a significação menor de verbo é a palavra que se conjuga: ser, ter, comer... A dimensão maior é verbo quando aí estão contidas todas as palavras sem consideração de suas classes, na morfologia gramatical: substantivos, adjetivos, pronomes, verbos, conjunções... Exemplo: - O orador mandou o verbo na reunião.

A tipologia da comunicação verbal se trifurca em descrição, dissertação e narração. A maior complexidade dessa tipologia está na narração, que depende de personagens, ações, espaço e tempo. O tempo é linear quando avança na seqüência passado, presente e futuro. É irreversível, marcado pelos relógios e calendários. Há também o tempo psicológico, que só decorre na intimidade da mente do narrador. Neste caso, a narração se liberta de condicionamento espaciais e temporais. Pode estar no aqui-e-agora e, com a velocidade do pensamento, se desloca para o passado ou para o futuro, conduzida pelas esperanças e projetos.

Nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a narração não está no tempo linear. Primeiro, Brás Cubas começa contando como morreu. Depois, conta como viveu. E ele próprio acentua a sua originalidade: “Moisés, que também contou a sua morte, não pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.”

O grande bibliófilo José Mindlien, ao ser perguntado sobre “o livro que todo mundo deveria ler, respondeu: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. E sua frase preferida? “Marcela amou-me durante onze meses e quinze contos de réis.”

Marcela... Marcela é um bom começo para um rápido olhar sobre as mulheres da vida de Brás Cubas.

Espanhola e bonita, Marcela esplendia entre aclamações e desejos dos homens, na segunda metade do século XIX, no Rio de Janeiro.

Prostituta de luxo, não recebia dinheiro. Tinha a paixão das jóias. E colecionava jóias caras.

Aos dezoito anos, Brás Cubas entrou na competição pela conquista da bela espanhola. “Gastei trinta dias para ir do encontro no Rocio Grande ao coração de Marcela. Mas, ai triste! Não o era de graça. Foi preciso coligir dinheiro, multiplica-lo, inventa-lo.”

De início, Brás Cubas explorou as larguezas do pai. Induziu a mãe a desviar alguma coisa que lhe dava às escondidas. Passou a sacar sobre a herança paterna. Assinava obrigações que devia resgatar um dia, com usura.

Marcela recebia jóias com um sorriso que Brás Cubas achava Cándido, mas misto de outra coisa, como se viesse de uma criatura “que nascesse de uma bruxa de Shakespeare com um Serafim de Klopstock.”

E Marcela o amava? O próprio Brás Cubas o afirma na sentença famosa: - Marcela amou-me durante onze meses e quinze contos de réis.

Ao fim dos quinze contos de réis, o pai e dois tios o embarcavam, à força, para Portugal. Como era costume então, vai estudar em Coimbra. Nos primeiros dias de viagem, sustenta a idéia de fim: mergulhar no mar alto murmurando o nome de Marcela...

Concluído o curso de Coimbra, Brás Cubas faz uma peregrinação à Itália. Dá um balanço dos seus aprendizados. “Não digo que a Universidade me não tivesse ensinado alguma filosofia; mas eu decorei-lhe só as formulas, o vocabulário, o esqueleto. Tratei-a como tratei o latim; embolsei três versos de Virgílio, dons de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas da conversação. Colhi de todas as cousas a fraseologia, a casca, a ornamentação...”

O pai o chama ao Rio de Janeiro. A mãe está nas últimas. Morre logo após o seu retorno. Passados os dias mais pesados do luto, o pai tem pressa de o ver bem sucedido. E lhe traz dois projetos: “... um lugar de deputado e um casamento”. Deviam visitar o Conselheiro Dutra, influencia a política e pai de Virgília, a moça presente nos dois projetos.

Dutra achou que a candidatura de Brás Cubas era legítima. Legitimissimo foi o início do namoro com Virgília. Corria tudo muito bem. Mas “Virgília era um dia _____”. Então apareceu o Lobo Neves, “que arrebatou Virgília e a candidatura com um ímpeto verdadeiramente cesariano.”

Do caráter de Virgília, fala este seu diálogo com o Lobo Neves: Ela pergunta quando ele seria ministro.

“ – Pela minha vontade, já. Pelas dos outros, daqui a um ano.

Virgília replicou:

- Prometeu que algum dia me fará baronesa?

- Marquesa, porque eu serei marquês.”

Desde então, Brás Cubas se sentiu perdido. Virgília comparou a águia e o pavão, e elegeu a águia, deixando o pavão com o seu espanto, o seu despeito, e três ou quatro beijos que lhe dera. “Meu pai ficou atônito com o desenlace, e quer me parecer que não morreu de outra coisa. Não entendia com um filho sem podia fracassar, ser um falha da vida.”

“Um Cubas! E repetia tristemente: Um Cubas!”

Dutra, pai de Virgília, afiança a Brás Cubas que o Lobo Neves era apoiado por grandes influências políticas e que lhe cumpria esperar “outra aragem”.

Virgília casa com o Lobo Neves. A vida avança. Lobo Neves se desencanta com a política. E confidencia: “Deixe-me ficar com as minhas amofinações. Creia que tenho passado horas e dias... Não há constância de sentimentos, não há gratidão, não há nada... nada... nada...”

Virgília deve ficar alterada pela nova situação. E se volta outra vez para Brás Cubas. E este tem um monólogo:

- Agora, que todas as leis sociais no-lo impediam, agora é que nos amavam deveras! Virgília cingiu-me com os seus magníficos braços, murmurando: Amo-te, é a vontade do céu.

Brás Cubas e Virgília mantêm encontros numa casinha alugada na Gamboa. Mas passa o tempo. Mudam as pessoas. Um dia, Brás Cubas beija a companheira na testa. “Virgília recuou, como se fosse um beijo de defunto. Enfim, o nariz pálido e sonolento da sociedade...” Cansaço do amor.

Antes da separação definitiva, Virgília provou que amava realmente a nobreza. A diplomacia. Apareceu um funcionário graduado da legação da Dalmácia que transtornou um pouco a cabeça da moça. Um movimento revolucionário na Dalmácia convocou o diplomata para fora do Brasil.

Outra mulher importante na literatura de Machado se chama Sofia. Está de corpo inteiro e de alma inteira no romance *Quincas Borba*.

Mas _____ e observar que, neste livro, as personagens primaciais são homens. Cristiano Palha, marido de Sofia, o próprio Quincas Borba que deixa a Rubião um testamento de larga riqueza, e Carlos Maria, o ai-Jesus das moças.

Quincas Borbas sai do final das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* ainda mendigo, ladrão. Recebe a herança de um velho tio de Barbacena. Isto o repõe na sua antiga elegância. E Quincas Borba surpreende como filósofo articulador das visão histórica centrada em Humanitas.

Humanitas é o princípio que tudo explica, a dor, a utilidade dos conflitos e das guerras. Não há morte. O choque entre duas forças pode determinar a supressão de uma delas. Mas a supressão de uma é condição de sobrevivência da outra. Assim, não há morte. A teoria se ilustra com a história das duas tribos famintas que lutam por um campo de batatas. As batatas não alimentariam as duas tribos se fizerem a paz, as duas tribos morrerão de fome. Então, uma tribo vence a outra e, com a vitória, continuara viva.

Assim, “ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas”.

Rubião ia descer de Barbacena para arrancar e comer as batatas da capital. Ia para o Rio de Janeiro e esperava conquistar Sofia, mulher de Cristiano Palha, casal que conhecera numa viagem de trem. Seria duro, implacável, porque adotara a filosofia de Quincas Borba. Já agora, queria viver as excelências do Humanitismo:

Ao vencedor, as batatas.

Em nenhum crítico da obra de Machado de Assis esta revelação: Rubião teve três heranças de Quincas Borba. Herdou o impulso de fazer filosofias de Quincas Borba. Herdou a loucura de Quincas Borba.

O humanitismo teve um momento religioso. E Quincas Borba achou que era Santo Agostinho. Só que o pensamento do antigo Bispo de Hipona era inferior ao seu. Já a loucura de Rubião o transformava em Napoleão III.

E Sofia? O dinheiro emprestado por Rubião ao marido Cristiano Palha deixava o casal entre o desejo de riqueza e a defesa do zelo conjugal. Sofia foi avançando em concessões à paixão de Rubião. Conversa com duas rosas do jardim que lhe dizem: “- Humilha-te, ó soberba criatura, por que és tu mesma a causa do teu mal. Tu juras esquece-lo, e não o esqueces. Sê piedosa, ó boníssima Sofia. Se hás de amar a alguém, fora

do matrimônio, ama-o a ele, que te ama e é discreto. Este foi o conselho das duas rosas.

Mas um dia a loucura de Rubião, mudado em Napoleão III, entra na carruagem da mulher do Palha e fala nos amores ocultos dos dois, sem considerar que o cocheiro os escuta. Sofia que a revelação da loucura de Rubião e procura sair para a rua.

Rubião morre pouco depois. Simula deixar cair a coroa de Napoleão III, soltando pela última vez a frase vitoriosa do humanitismo de Quincas Borba:

AO VENCEDOR, AS BATATAS.